



AS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS DO SUL DE PORTUGAL CONTINENTAL FORAM AQUELAS QUE MELHOR DESEMPENHO ECONÓMICO TIVERAM NA ÚLTIMA DÉCADA



Francisco Avillez
PROFESSOR CATEDRÁTICO EMÉRITO
DO ISA, UL, E COORDENADOR
CIENTÍFICO DA AGROGES
favillez@agroges.pt



Manuela Nina Jorge
DIRECTORA GERAL DA AGROGES
mnjorge@agroges.pt

INTRODUÇÃO

Da análise dos dados disponíveis das Contas Económicas Regionais de Agricultura para as sete regiões NUT II, em que se divide o nosso País, foi-nos possível concluir que foram as explorações agrícolas das regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo e do Algarve que melhor comportamento económico tiveram nas duas últimas décadas em geral e nos últimos dez anos em particular.

Com este artigo, pretendemos começar por analisar as principais características estruturais e económicas dos sectores agrícolas das sete regiões NUT II nacionais, para de seguida se preceder à análise das suas tendências de evolução verificadas entre os triénios "2000" e "2020", para:

- o produto agrícola bruto e o rendimento do sector agrícola;
- a produtividade, competitividade e viabilidade das explorações agrícolas regionais;
- o rendimento dos produtores agrícolas.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS SECTORES AGRÍCOLAS DAS REGIÕES NUT II NACIONAIS

São muito significativas as diferenças actualmente existentes entre os sectores agrícolas das sete regiões em causa, quer no que diz respeito à

sua dimensão, quer no que se refere às suas características estruturais e económicas.

Mais de 70% do número total de explorações agrícolas encontram-se localizadas em, apenas, duas das sete regiões em causa (as regiões Norte e Centro), às quais correspondem:

- cerca de 1/3 da SAU nacional;
- mais de 2/3 do número total de UTA;
- um pouco mais de 40% do valor acrescentado bruto agrícola nacional (VAB).

Cerca de 2/3 da SAU nacional pertence às regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (59%), Algarve (2,5%) e Açores (3%), às quais correspondem:

- pouco mais de 20% do número total de explorações agrícolas nacionais;
- menos de 30% do número total de UTA;
- um pouco mais de metade do VAB agrícola nacional.

Importa sublinhar que destas três NUT II localizadas no Sul de Portugal e nos Açores, a região da Lezíria do Tejo e do Alentejo é aquela que tem o sector agrícola com maior dimensão caracterizada por uma SAU e um VAB que representam, respectivamente, 60 e 37% dos totais nacionais (Quadro 1).

QUADRO 1. CARACTERÍSTICAS DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS DAS SETE DIFERENTES NUT II

Regiões NUT II	("2020")**							
	N.º de Explorações		SAU		N.º de UTA		VAB	
	10 ³	%	10 ³ ha	%	10 ³	%	10 ³ €	%
Norte	108,6	37,9	663,3	16,7	88,6	38,3	635,4	20,2
Centro	96,1	33,6	633,3	16,0	64,5	27,8	674,7	21,5
Lisboa	6,4	2,2	90,7	2,3	7,3	3,2	155,4	4,9
Lezíria do Tejo e Alentejo*	38,5	13,5	2350,7	59,3	43,8	18,9	1146,7	36,5
Algarve	12,5	4,4	100,6	2,5	10,6	4,6	299,2	9,5
Açores	10,6	3,7	120,6	3,0	9,2	4,0	186,0	5,9
Madeira	13,5	4,7	4,6	0,1	7,6	3,3	42,6	1,4
Portugal	286,2	100,0	3964,0	100,0	231,6	100,0	3142,3	100,0

* A designação oficial desta NUT II é Alentejo, mas a designação que propomos parece-nos muito mais adequada
 **"2000" - corresponde ao triénio 1999-2001

Fonte: Estimativas dos autores com base nos dados do INE

É também na NUT II Lezíria do Tejo e Alentejo que a dimensão média das explorações agrícolas (SAU/Exp) é significativamente superior (61 ha) à média nacional (13,9 ha) e a todas as outras NUT II.

No entanto, esta superfície média das explorações agrícolas da Lezíria do Tejo e Alentejo apresenta um valor bastante menos significativo quando se leva em consideração a superfície agrícola cultivada (SAC) em vez da utilizada (33,6ha), o que

é consequência do facto de a SAC nesta região corresponder apenas a 55% da SAU, percentagem esta inferior, quer à média nacional (63%), quer à de todas as outras NUT II.

Neste contexto, importa destacar a região dos Açores que é a única das outras NUT II cuja SAC/Exp (12,2 ha) era, em "2020", superior à média nacional (10,8 ha) (Quadro 2).

QUADRO 2. SUPERFÍCIES AGRÍCOLAS MÉDIAS DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS DAS SETE DIFERENTES NUT II

Regiões NUT II	SAU/Exp (ha)	SAC/SAU (%)	SAC/Exp (ha)	SAC/UTA (ha) ("2020")**
Norte	6,1	73,8	4,5	5,5
Centro	6,6	71,8	4,7	7
Lisboa	14,3	74,1	10,6	9,3
Lezíria do Tejo e Alentejo*	61,1	55,1	33,6	29,5
Algarve	8,0	80,0	6,4	7,5
Açores	11,4	93,0	10,6	12,2
Madeira	0,3	100,0	0,3	0,6
Portugal	13,9	63,1	8,7	10,8

* A designação oficial desta NUT II é Alentejo, mas a designação que propomos parece-nos muito mais adequada

**"2000" - corresponde ao triénio 1999-2001

Fonte: Estimativas dos autores com base nos dados do INE





No que diz respeito às produtividades dos factores de produção agrícola regionais, importa destacar os seguintes aspectos (Gráfico 1).

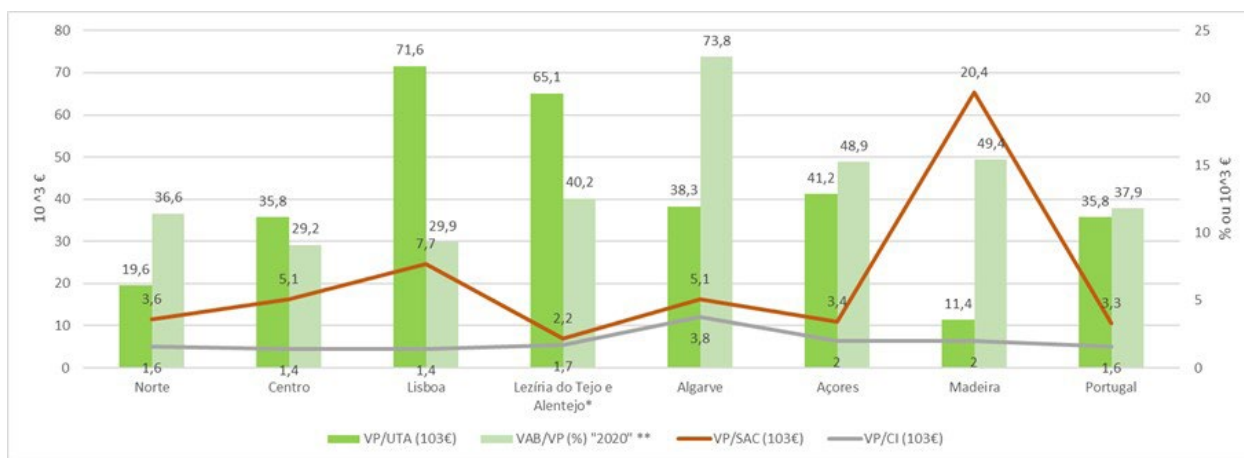
Primeiro, que é nas duas regiões com a menor percentagem de SAC (Lisboa e Madeira) que a produtividade média da terra (VP/SAC) apresentava, em "2020" os valores mais elevados (7,7 e 20,4 x 103€) seguindo-se-lhe as NUT II Centro e Algarve, ambas com um VP/SAC de 5,1 x 103€.

Segundo, que é nas regiões de Lisboa (71,6 x 103€) e da Lezíria do Tejo e Alentejo (65,1 x 103€) que a

produtividade do trabalho (VP/UTA) assume valores mais elevados, seguindo-se-lhe as produtividades médias das regiões dos Açores (41,2 x 103€) e do Algarve (38,3 x 103€).

Terceiro, que o sector agrícola da região do Algarve que, em "2020", apresentava os valores mais elevados quer para a produtividade dos factores intermédios (3,8 x 103€) que para a eficiência no uso dos factores em que o VAB atingia 73,8% do VP, valores estes bastante superiores quer à média nacional, quer ao das outras NUT II.

GRÁFICO 1. PRODUTIVIDADE DOS FACTORES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA PARA AS SETE DIFERENTES NUT II



* A designação oficial desta NUT II é Alentejo, mas a designação que propomos parece-nos muito mais adequada

**"2000" - corresponde ao triénio 1999-2001

Fonte: Estimativas dos autores com base nos dados do INE

Por último, no que se refere ao rendimento dos produtores agrícolas, medido pelo VAL a custo de factores por exploração, importa realçar os dois seguintes aspectos (Gráfico2).

Em primeiro lugar, que os valores do rendimento médio dos produtores, em "2020", era mais elevado do que a média nacional (8,1 x 103€) nas regiões do Algarve (22,9 x 103€), Lezíria do Tejo e Alentejo (18x 103€), Açores (17,5 x 103€) e Lisboa (15,4 x 103€).

Em segundo lugar, que a contribuição das transferências de rendimento geradas pelos pagamentos directos aos produtores (PDP), para a formação do rendimento dos produtores era muito variável, com um contributo mais elevado no caso da região do Lezíria do Tejo e Alentejo (68,6%) e mais reduzidos na região do Algarve (6,5%) e com valores, no caso da Madeira (60,2%) e Açores (55,1%), superiores à média nacional (44,9%).

GRÁFICO 2. RENDIMENTO DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS E NÍVEIS DE APOIO DAS POLÍTICAS PARA AS SETE DIFERENTES NUT II



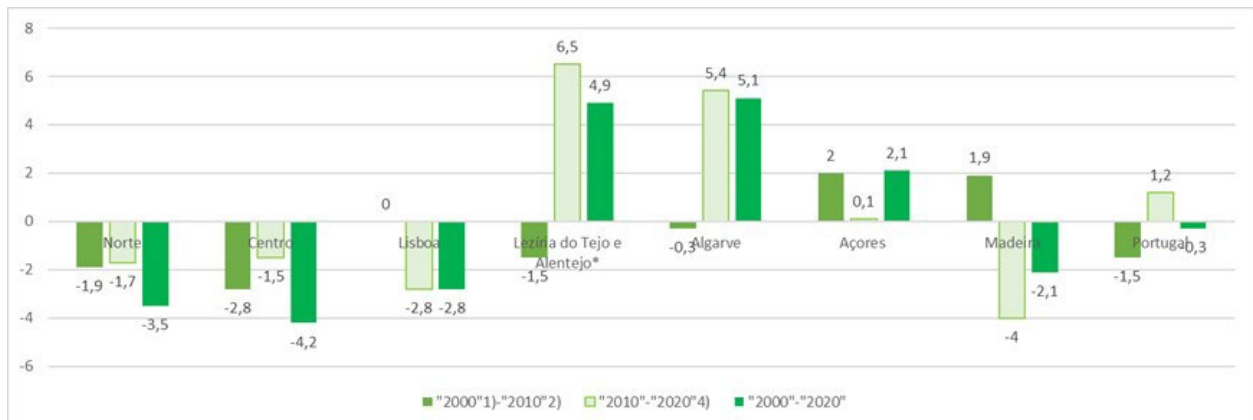
* A designação oficial desta NUT II é Alentejo, mas a designação que propomos parece-nos muito mais adequada
 **"2000" - corresponde ao triénio 1999-2001
 Fonte: Estimativas dos autores com base nos dados do INE

EVOLUÇÃO DO PRODUTO E RENDIMENTO AGRÍCOLAS REGIONAIS NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

O **produto agrícola bruto em volume**¹ gerado pela agricultura portuguesa, decresceu nas duas últimas décadas a uma taxa de -0,3%/ano, decréscimo este que apresenta diferenças significativas do ponto de vista quer temporal, quer regional (Gráfico 3). De facto, este decréscimo verificou-se, apenas, na primeira década do período

em causa (-1,5%/ano), tendo o produto agrícola bruto em volume evoluído favoravelmente na última década (+1,2%/ano) e, em especial, nos últimos cinco anos (+2,4%/ano) (Gráfico4). Importa, por outro lado, sublinhar que as evoluções favoráveis em causa foram consequência, no essencial, dos acréscimos verificados na última década nas regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (+6,5%/ano) e do Algarve (+5,4%/ano).

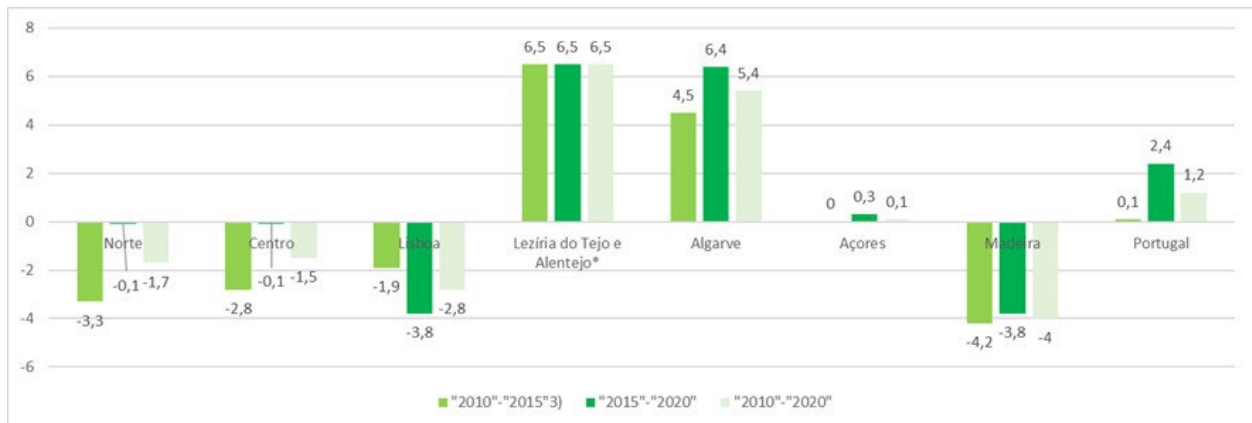
GRÁFICO 3. EVOLUÇÃO DO PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO EM VOLUME NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

1. Medido pelo valor acrescentado agrícola bruto a preços no produtor constantes.

GRÁFICO 4. EVOLUÇÃO DO PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO EM VOLUME NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



1) "2000" - corresponde ao triénio 1999-2001

2) "2010" - corresponde ao triénio 2009-2011

3) "2015" - corresponde ao triénio 2014-2016

4) "2020" - corresponde ao triénio 2019-2021

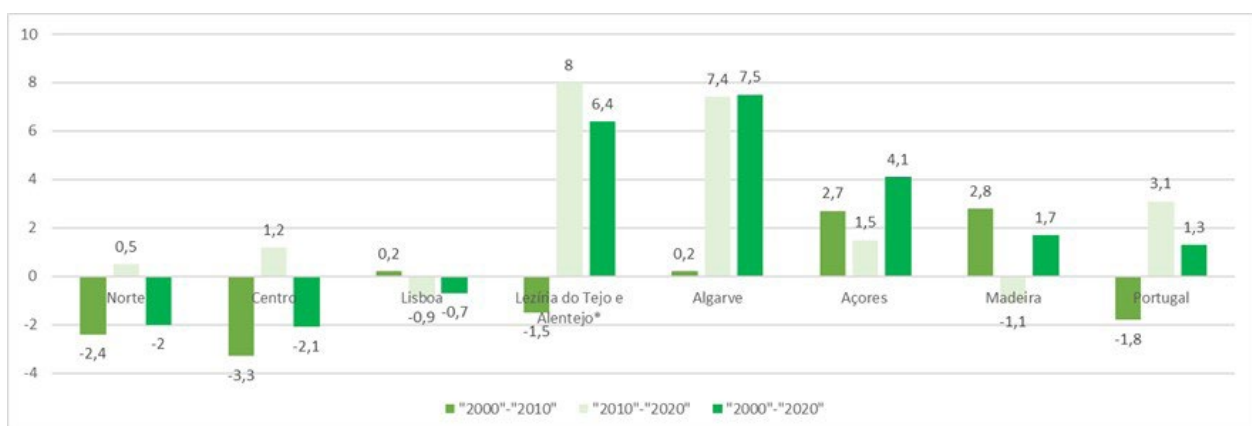
* Ver nota do Gráfico 2

Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

Por seu lado, o **produto agrícola bruto em valor**² teve uma evolução positiva no conjunto das duas últimas décadas (+1,3%/ano) decorrente de uma taxa de crescimento média anual de +3,1% nos últimos dez anos, que mais que compensou o decréscimo verificado na primeira década do período (-1,8%/ano) (Gráfico 5) e que foi muito mais significativa nos últimos cinco anos (+4,8%/ano) do que nos cinco anos anteriores (+1,5%/ano)

(Gráfico 6). Também neste caso, o comportamento económico regional foi bastante diferenciado com elevadas taxas de crescimento na última década para as regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (+8%/ano) e Algarve (+7,4%/ano), as quais ainda foram mais significativas nos últimos cinco anos, em que atingiram, respectivamente, +8,1 e +9,7%/ano (Gráficos 5 e 6).

GRÁFICO 5. EVOLUÇÃO DO PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO EM VALOR NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)

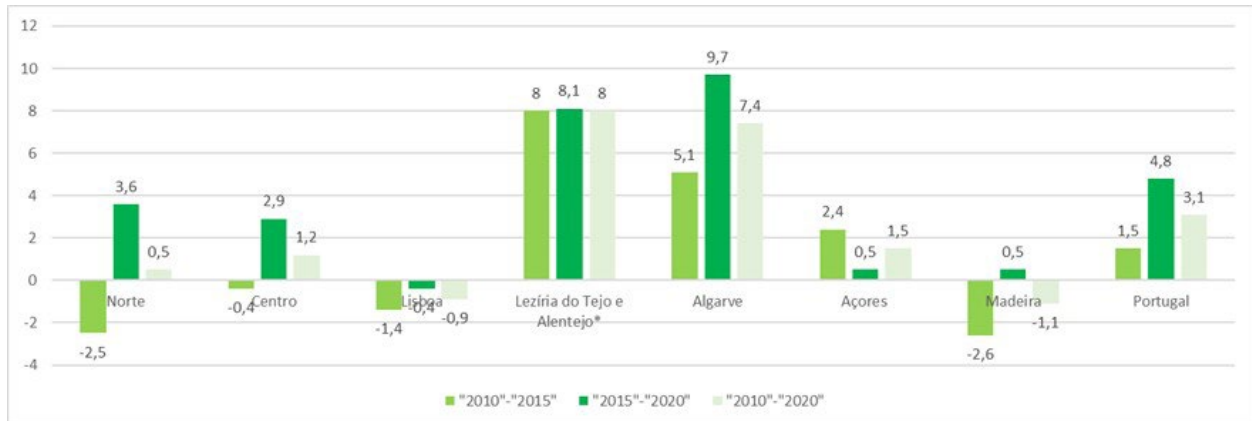


* Ver notas dos gráficos anteriores

Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

2. Medido pelo valor acrescentado agrícola bruto a preços no produtor correntes.

GRÁFICO 6. EVOLUÇÃO DO PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO EM VALOR NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)

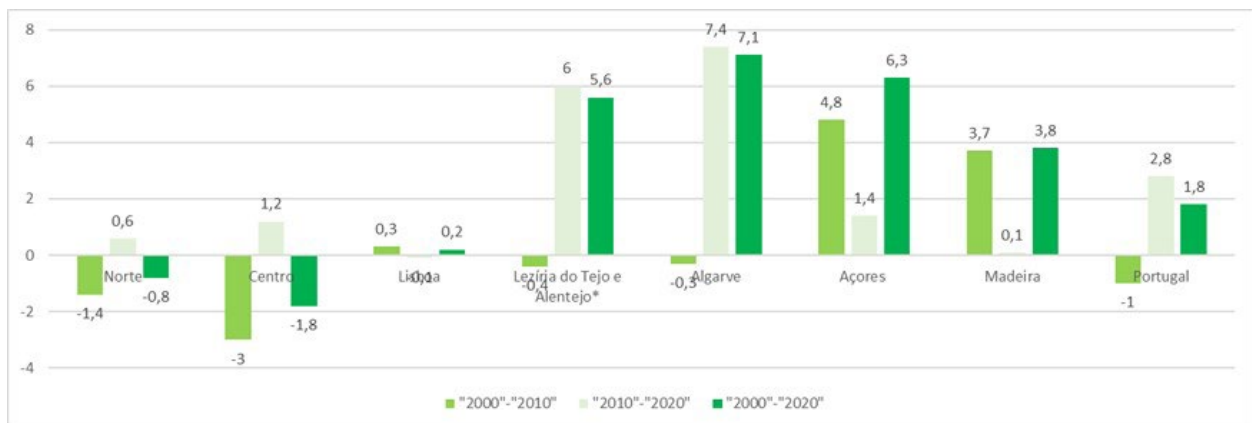


* Ver notas dos gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

No que se refere ao **rendimento do sector agrícola**³ importa realçar que após um decréscimo de -1,0%/ano no período de "2000" a "2010", se atingiu um acréscimo de +2,8%/ano na última década (Gráfico 7), o qual foi particularmente significativo nos últimos cinco anos (+4,2%/ano).

Mais uma vez, as regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo e do Algarve tiveram, na última década, o melhor desempenho económico regional com taxas de crescimento médio anual particularmente elevadas nestes últimos cinco anos de, respectivamente, +6,3 e +9,4%/ano (Gráfico 8).

GRÁFICO 7. EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO DO SECTOR AGRÍCOLA NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



* Ver notas dos Gráficos anteriores Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

3. Medido pelo valor acrescentado agrícola bruto a custo de factores a preços nominais.

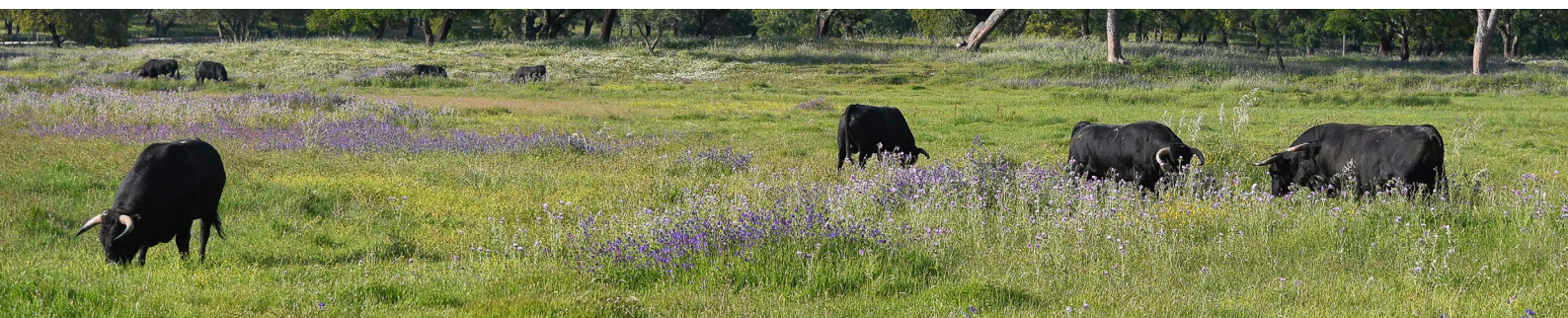
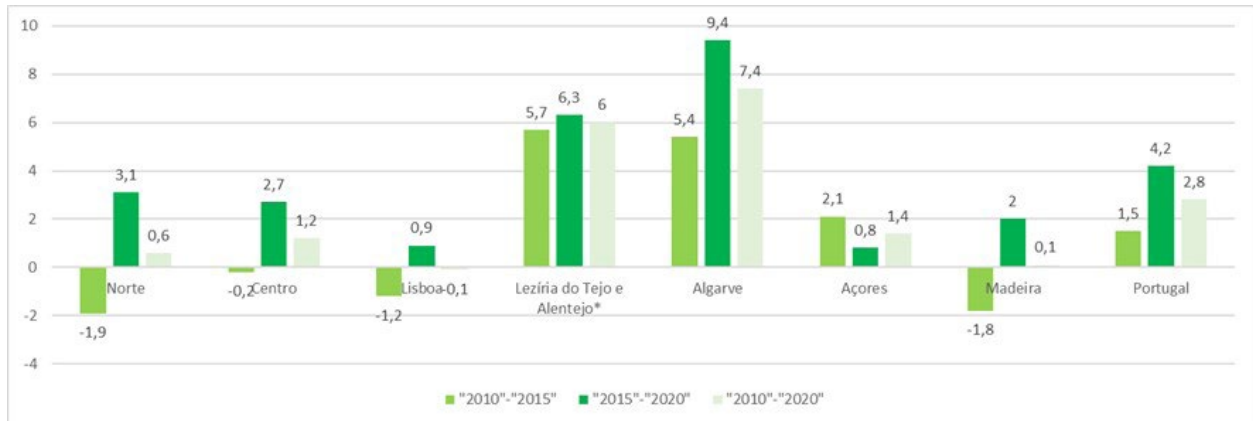


GRÁFICO 8. EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO DO SECTOR AGRÍCOLA NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



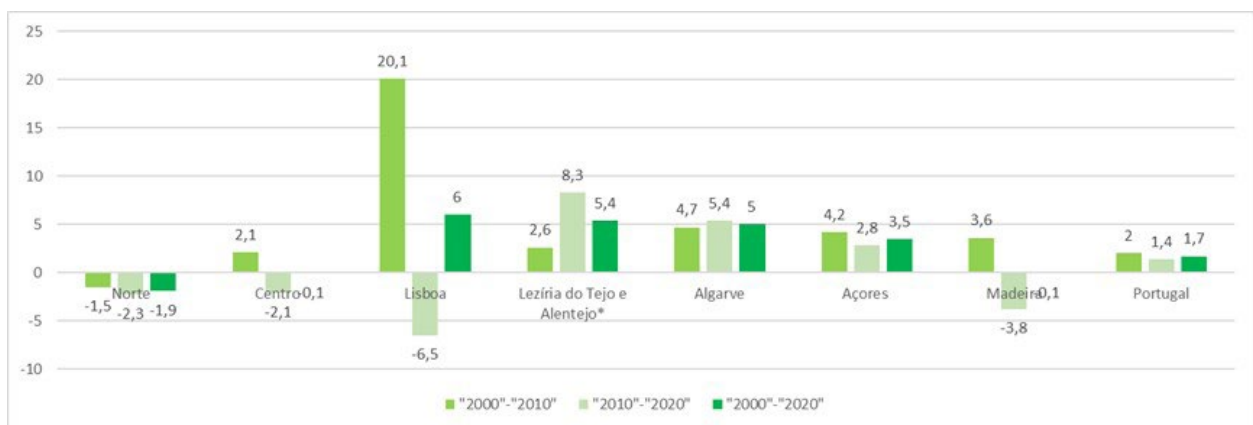
* Ver notas dos Gráficos anteriores Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE, COMPETITIVIDADE E VIABILIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS PORTUGUESAS NAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS

De acordo com os dados disponíveis, a **produtividade das explorações agrícolas portuguesas**⁴ cresceu a uma taxa de +1,7%/ano entre os triénios "2000" e "2020", acréscimo

este que foi de +2,0%/ano na primeira década (Gráfico 9), de +2,3%/ano entre "2010" e "2015" e de, apenas, +0,4%/ano nos últimos cinco anos. Estes ganhos de produtividade verificaram-se, no essencial, nas regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo, do Algarve e dos Açores que na última década cresceu, respectivamente, +8,3%, +5,4% e +2,8%/ano (Gráfico 10).

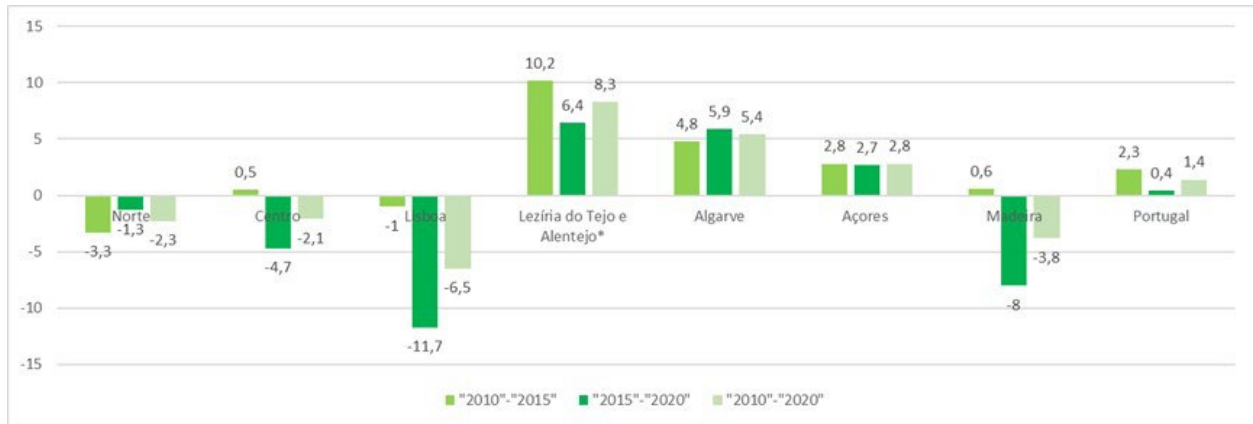
GRÁFICO 9. EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



* Ver notas dos gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

4. Medida pelo valor acrescentado líquido a preços constantes divididos pelo número de explorações agrícolas.

GRÁFICO 10. EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)

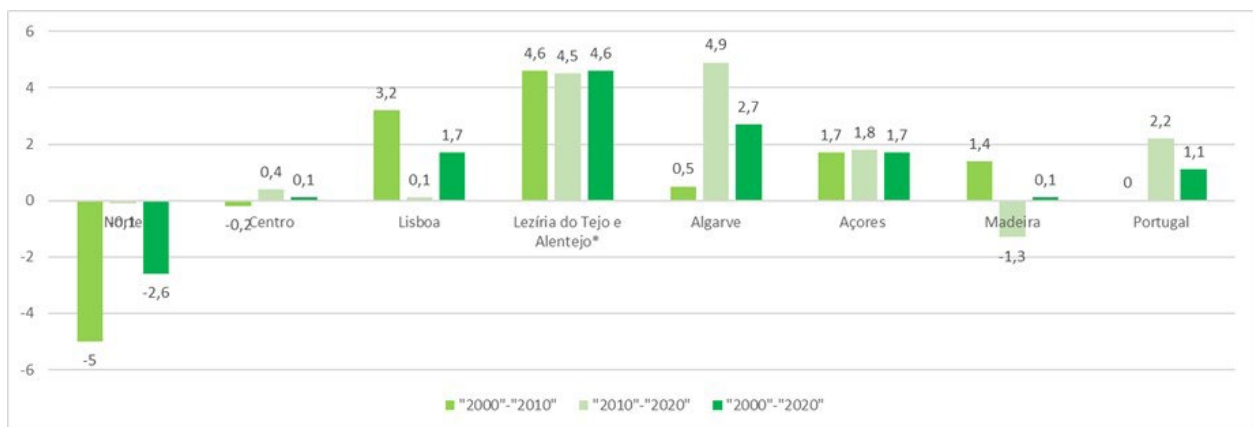


* Ver notas dos gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

O comportamento da produtividade económica das explorações agrícolas explica, em grande medida, a evolução verificada para a respectiva **competitividade económica**⁵, a qual cresceu a uma taxa de +2,2%/ano na última década em consequência, principalmente, do seu crescimento nos primeiros cinco anos (+3,3%/ano). Importa

sublinhar que, com excepção para a região Norte, todas as outras NUT II viram a sua competitividade evoluir favoravelmente, com especial relevo para as regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo e do Algarve, que cresceu durante os primeiros cinco anos da última década de, respectivamente, +6,2 e +5,5%/ano (Gráficos 11 e 12).

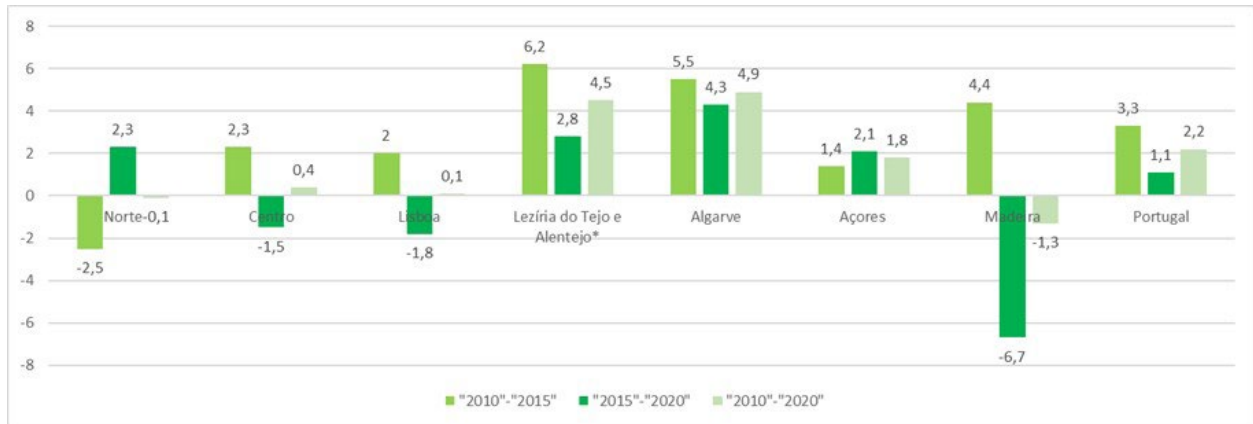
GRÁFICO 11. EVOLUÇÃO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)



* ver notas gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

5. Medida pelo valor acrescentado líquido agrícola a preços no produtor correntes reais, dividido pelo número de explorações.

GRÁFICO 12. EVOLUÇÃO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II (Δ %/ANO)

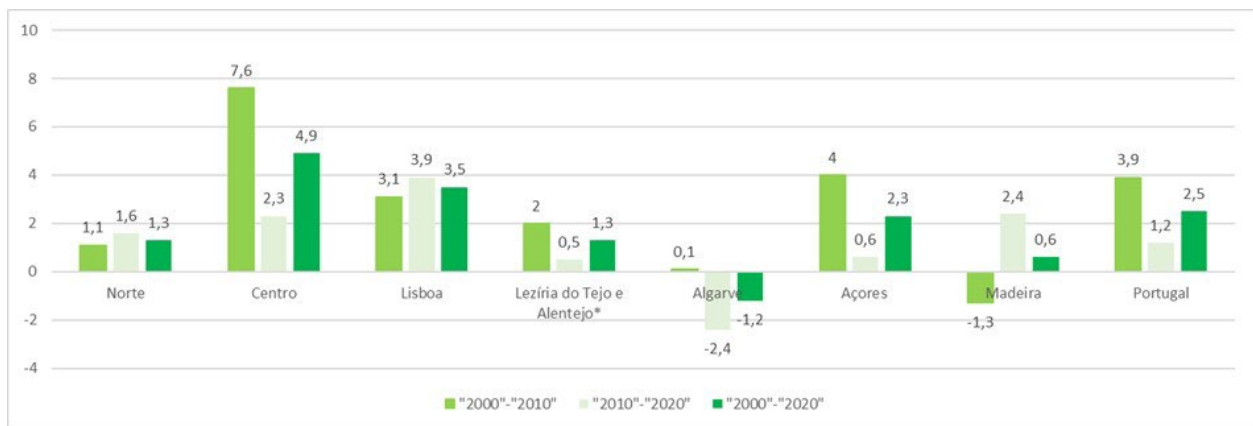


* ver notas gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

Por seu lado, a **viabilidade económica das explorações agrícolas**⁶ de Portugal teve uma evolução mais favorável no período "2000" e "2010" (+3,9%/ano) do que na última década (+1,2%/ano), a qual foi caracterizada por um comportamento claramente mais positivo nos primeiros cinco

anos (3,9%/ano) do que nos últimos cinco anos (-1,4%/ano). Regionalmente é de salientar o comportamento menos favorável da região do Algarve em relação às restantes regiões (Gráficos 13 e 14)

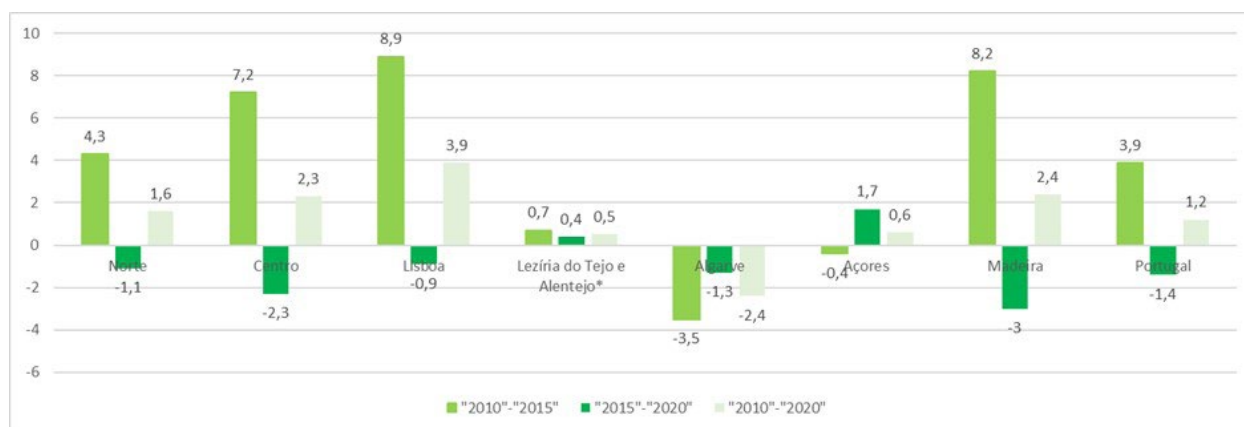
GRÁFICO 13. EVOLUÇÃO DA VIABILIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II Δ %/ANO



* ver notas gráficos anteriores
Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

6. Medida pelo rendimento dos factores de produção a preços reais dividido pelo número de explorações.

GRÁFICO 14. EVOLUÇÃO DA VIABILIDADE DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II Δ %/ANO



* Ver notas gráficos anteriores

Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO DOS PRODUTORES AGRÍCOLAS NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

No que diz respeito ao rendimento dos produtores agrícolas⁷, que exprime a remuneração dos agricultores e dos elementos do seu agregado familiar (UTAF), a sua evolução nas duas últimas décadas caracterizou-se, no essencial, do seguinte modo (Gráficos 15 e 16):

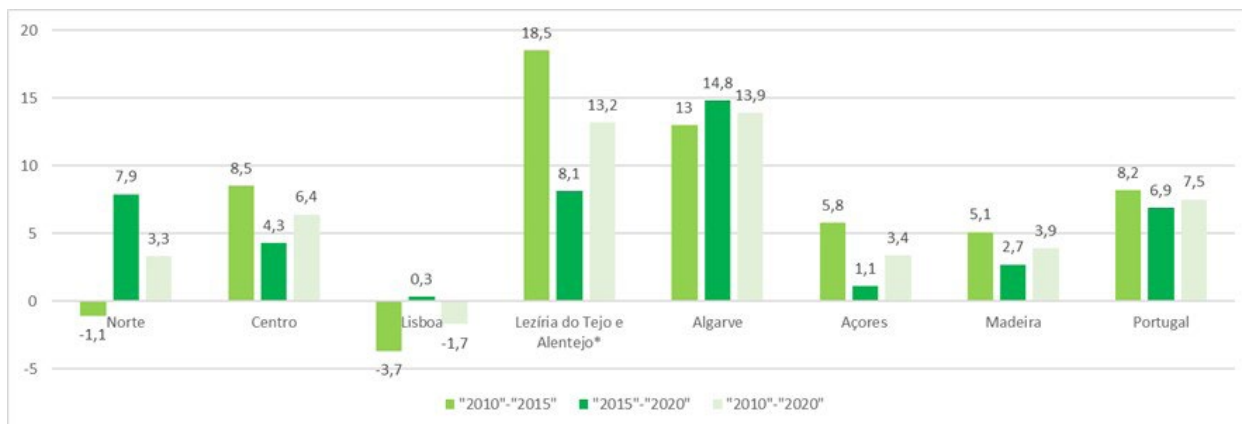
- um aumento médio nacional de +2,2%/ano que tendo sido negativo entre "2000" e "2010" (-2,8%/ano) atingiu uma taxa de crescimento na última década muito elevada (+7,5%/ano), a qual foi ligeiramente superior no quinquénio "2010"- "2015" (+8,2%/ano) do que no último quinquénio (+6,9%/ano);

- um crescimento que, com excepção da região de Lisboa, foi favorável na última década para todos as restantes NUT II, tendo atingido as taxas de crescimento significativamente mais elevadas nas regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (+13,2%/ano) e Algarve (+13,9%/ano);
- no caso da região da Lezíria do Tejo e Alentejo o aumento do rendimento dos produtores foi bastante mais elevado no quinquénio "2010"- "2015" (18,5% ano) do que no último quinquénio (+8,1%/ano), enquanto que no caso da região do Algarve as taxas em causa foram relativamente semelhantes ao longo dos dois últimos quinquénios (13 e 14,8%/ano respectivamente).

7. Medido pelo rendimento empresarial líquido a preços reais por unidade de trabalho agrícola familiar.

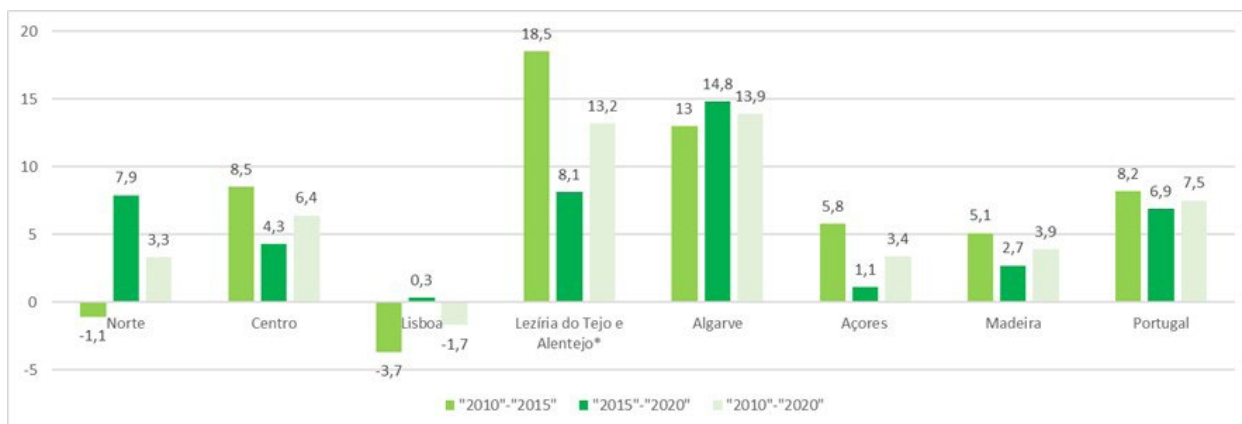


GRÁFICO 15. EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO LÍQUIDO DOS PRODUTORES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II Δ%/ANO



* Ver notas dos gráficos anteriores Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

GRÁFICO 16. EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO LÍQUIDO DOS PRODUTORES AGRÍCOLAS NAS SETE NUT II Δ%/ANO



* Ver notas dos gráficos anteriores Fonte : Estimativas dos autores com base nos dados do INE

Importa mais uma vez sublinhar que as transferências de rendimento geradas pelos apoios directos ao rendimento das explorações constituem um contributo muito significativo para a formação do rendimento das explorações agrícolas portuguesas (44,9% em "2020"), o qual foi, no entanto, nesse triénio, muito diferente para as explorações da região da Lezíria do Tejo e Alentejo (68,6%) e da região do Algarve (6,5%), taxas de apoio estas que variam entre 31,2% e 60,2% para as restantes cinco NUT II.

FACTORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO ECONÓMICO DAS REGIÕES DO SUL DE PORTUGAL CONTINENTAL NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

São diversos os factores que foram, em nossa opinião, determinantes para o mais favorável desempenho económico na última década das explorações agrícolas das regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo e do Algarve.

Em primeiro lugar, é de realçar o crescimento, nos últimos dez anos, do volume da produção agrícola nas regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (+4%/ano do Algarve (+5,4%/Ano) o qual foi mais

elevado nos últimos cinco anos desta última década quer para a Lezíria do Tejo e Alentejo (+4,7%/ano), quer no caso da região do Algarve (+6,2%/ano) crescimentos estes que foram muito superiores às médias nacionais, respectivamente, de +2,2%, +1,3% e +3,1%.

Este crescimento do volume da produção agrícola foi, no essencial, consequência dos aumentos verificados nesta última década nas duas regiões NUT II em causa das respectivas superfícies agrícolas cultivadas, áreas regadas e respectiva produtividade da terra, a qual foi mais elevada nos primeiros cinco anos no caso da região da Lezíria do Tejo e Alentejo (+3,3%/ano) e no último quinquénio no caso do Algarve (+3,9%/ano) os quais comparam com as respectivas médias nacionais de, apenas, +1,1% e +0,9%/ano.

Em segundo lugar, importa sublinhar que este crescimento do volume de produção nas duas NUT II em causa foi acompanhado por uma melhoria na eficiência no uso dos factores intermédios e de capital e por uma alteração na composição da respectiva superfície agrícola cultivada.

De facto, no contexto de uma evolução desfavorável da produtividade média nacional dos factores intermédios (-0,4%/ano) na última década, verificou-se que tal evolução só é positiva no caso da região da Lezíria do Tejo e Alentejo (+0,3%/ano 1,9%) e do Algarve (+1,4%/ano). No que diz respeito à evolução da ocupação cultural, é de realçar os acréscimos significativos verificados nas áreas ocupadas por culturas permanentes de regadio, que cresceram na última década, +7,1%/ano na região da Lezíria do Tejo e Alentejo e +3,4%/ano na região do Algarve.

Em terceiro lugar, as alterações produtivas e tecnológicas ocorridas implicaram a realização de investimentos cujo montante por hectare de superfície agrícola cultivada cresceu na última década +1,5%/ano para o conjunto das regiões de Portugal, mas que só apresentou taxas acima da média para as regiões da Lezíria do Tejo e Alentejo (+3,9%/ano), Algarve (+3,5%/ano) e Lisboa (+2,9%/ano), crescimentos estes que foram mais significativos no período "2010"- "2015" e que só tiveram alguma continuidade no caso da região da Lezíria do Tejo e Alentejo, cujas taxas de crescimento médio anual foram de 4,2%/ano nos primeiros cinco anos desta década e 3,6%/ano no último quinquénio.

CONCLUSÃO

Do anteriormente exposto pode-se concluir que a evolução favorável do sector agrícola português na última década foi, no essencial, consequência da melhoria significativa verificada no comportamento económico das explorações agrícolas das regiões do Sul de Portugal, com especial relevo para os últimos cinco anos.

Importa, no entanto, sublinhar que foram, em nossa opinião, os significativos ganhos de produtividade e competitividade agrícolas obtidos nos primeiros cinco anos da última década, que alavancaram a evolução económica mais positiva observada nos últimos cinco anos do período em causa.

